

CRUZ, Fernanda Miranda da; COTS, Caroline Paola. Práticas corporificadas de construção da atenção conjunta em interações de uma criança diagnosticada com transtorno do espectro do autismo. *Revista Intercâmbio*, v.XLVII: 112-136, 2021. São Paulo: LAEL/PUCSP. ISSN 2237-759X

PRÁTICAS CORPORIFICADAS DE CONSTRUÇÃO DA ATENÇÃO
CONJUNTA EM INTERAÇÕES DE UMA CRIANÇA DIAGNOSTICADA
COM TRANSTORNO DO ESPECTRO DO AUTISMO

EMBODIED ACTION AND JOINT ATTENTION IN INTERACTIONS OF A
CHILD WITH AUTISM SPECTRUM DISORDER

Fernanda Miranda da CRUZ
(UNIVERSIDADE FEDERAL DE SÃO PAULO – UNIFESP)
fernanda.miranda.cruz@gmail.com

Caroline Paola COTS
(UNIVERSIDADE FEDERAL DE SÃO PAULO – UNIFESP)
carolinecots@gmail.com

RESUMO: Este artigo analisa práticas corporificadas de introdução de referentes e de construção da atenção conjunta em interações de uma criança diagnosticada com Transtorno do Espectro do Autismo (TEA). Analisamos a organização e a coordenação temporal e sequencial de recursos multimodais mobilizados nessa atividade de referenciação. Esses recursos envolvem estruturas linguísticas (sintagma nominal e dêitico verbal) e gestuais (gestos de apontar e movimentos corporais indexadores); a coordenação desses recursos entre os participantes, e a coordenação dos participantes com o mundo material. Mobilizamos para as análises os conceitos de interação corporificada, gestalt multimodal complexa e referenciação corporificada.

PALAVRAS-CHAVE: TEA (Transtorno do Espectro do Autismo); gestalt multimodal complexa; referência; interação corporificada; gestos.

ABSTRACT: *This article analyzes some embodied referential practices and the construction of joint attention in interactions involving a child diagnosed within the Autistic Disorder Spectrum (ASD). We analyze the organization and temporal and sequential coordination of multimodal resources mobilized in the construction reference. These resources involve linguistic structures (nominal syntactic and deictic verbal terms) and gestural (gestures of pointing and body movements); the coordination of these resources among the participants, and the coordination of the participants with the material world. We present some concepts: embodied interaction, complex multimodal gestalt and embodied referential practices.*

KEYWORDS: *Autistic Disorder Spectrum (ASD); complex multimodal gestalt; referential practices; embodied interaction; gestures.*

0. Introdução

Este artigo propõe uma análise das ações de construção de atenção conjunta e introdução de referentes em interações das quais participam uma criança, Luiza, diagnosticada com TEA (Transtorno do Espectro do Autista). O TEA é descrito, clinicamente, como uma condição que afeta o desenvolvimento neurocognitivo e que compromete, em formas e graus distintos, o engajamento do sujeito autista nas interações sociais (LAI, LOMBARDO e BARON-COHEN, 2014). Propomos uma análise de duas situações interativas nas quais Luiza e seus interlocutores têm o trabalho interacional de construir a atenção para objetos materiais copresentes no ambiente da interação e de construir e introduzir tais objetos como referentes da atividade discursiva. Os dados apresentados são extraídos de um corpus audiovisual de situações interativas naturalísticas variadas das quais participa Luiza (*Corpus CELA - Corpus para Estudo da Linguagem no Autismo*, Comitê de Ética em Pesquisa, Processos0052/2015 e 1172/2016, Financiamento FAPESP 2014/15206-6). Os estudos que temos desenvolvido sobre aspectos verbais e não-verbais abrigam-se no quadro do projeto *Ao Mínimo Gesto*, financiado pela FAPESP (Fundação de Amparo à pesquisa do Estado de São Paulo), processo 2018/07-565-7.

Os estudos sobre a atividade de referenciação têm merecido um lugar importante no campo dos estudos linguísticos. A referenciação tem sido investigada a partir de uma multiplicidade de quadros teóricos e perspectivas: textual, discursiva, pragmático-interacional, cognitiva, sociocognitiva e filosófica (ver, por exemplo, CAVALCANTE e LIMA, 2013; KOCH, MORATO e BENTES, 2005; MONDADA, 2005, 2012; MORATO e BENTES, 2017). Do ponto de vista interacional-pragmático, Mondada (2012, 2014a, 2014b) sugere que os participantes demonstram, através das ações e da organização temporal e sequencial da interação, que distinguem duas ações no trabalho interacional da referenciação: a ação de introduzir um referente e a ação de predicar algo sobre ele (MONDADA, 2012).

Para análise de dados de crianças com autismo, explorar essa distinção pode ser muito pertinente. Como sabemos ou podemos imaginar, um objeto copresente no ambiente da interação não significa que sua referência está dada. Tampouco que construir seu estatuto como referente esteja facilitado, em termos do trabalho interacional a ser feito pelos falantes, apenas porque o objeto se encontra materialmente presente. A construção de objetos-do-mundo como objetos-de-discurso (MONDADA, 2005) no curso de uma interação se faz a partir da articulação fina de vários recursos multimodais organizados e coordenados, temporal e sequencialmente, no fluxo da ação. Neste artigo, tentaremos mostrar a organização e a coordenação desses recursos mobilizados pelos

participantes na construção da disponibilidade e da visibilidade do referente na interação. Esses recursos envolvem estruturas linguísticas, incluindo, sintagma nominal e dêitico verbal; estruturas gestuais, como gestos de apontar e movimentos corporais que funcionam como indexadores de referente; a coordenação desses recursos com os recursos mobilizados pelos coparticipantes e, ainda, a coordenação dos sujeitos com o mundo material (sobretudo em termos de espacialidade).

Apresentaremos as noções de interação corporificada, gestalt multimodal complexa e referenciação corporificada a partir das investigações e análises propostas por Mondada (2012, 2014a) sobre o tema. Em seguida, mostraremos como uma perspectiva corporificada da interação e a noção de gestalt multimodal complexa podem em muito contribuir para identificar padrões interacionais decorrentes do trabalho de coordenação entre os participantes. Esperamos contribuir para um repertório de dados de práticas corporificadas e de descrições multimodais de interações quais participam crianças com TEA e outros interlocutores.

1. Interação corporificada: linguagem e corpo no mundo material

Neville (2015) e Mondada (2016) definem como uma virada corporificada (*embodied turn*, NEVILLE, 2015) às várias tentativas teórico-epistemológicas de integração de estudos já existentes sobre linguagem e os novos estudos sobre corpo, gestos e mundo material que têm permitido o surgimento e a consolidação de diversas e diferentes abordagens sobre a multimodalidade da ação, da cognição e da interação sociais (CRUZ, 2018). Uma perspectiva corporificada da interação (*embodied interaction*, STREECK, GOODWIN e Le BARON, 2011) concebe que a interação social e, portanto, a interação verbal, constrói-se a partir de uma organização temporal, espacial, corporal e materialmente coletiva. Uma perspectiva corporificada da interação social se propõe a analisar e descrever as interações construídas através da fala-em-interação sem se guiar por uma primazia dos recursos linguísticos-verbais frente a outros recursos não-verbais mobilizados pelos sujeitos na construção de suas ações. Guia-se antes de tudo por uma concepção, radicalmente anti-logocêntrica, de integração e de coordenação fina de práticas encarnadas e situadas, oferecendo, à natureza constitutiva de nossas ações, uma dimensão multimodal primordial (MONDADA, 2016). Uma das implicações desse ponto de vista para a análise de situações interativas envolvendo patologias, alterações ou comprometimentos linguístico-interacionais é a de que os recursos corporais, gestuais e materiais podem *não* ser concebidos como compensatórios ou complementares de uma ausência ou limitação dos recursos linguísticos, mas

CRUZ, Fernanda Miranda da; COTS, Caroline Paola. Práticas corporificadas de construção da atenção conjunta em interações de uma criança diagnosticada com transtorno do espectro do autismo. *Revista Intercâmbio*, v.XLVII: 112-136, 2021. São Paulo: LAEL/PUCSP. ISSN 2237-759X

integrados entre si. Nesse sentido, como sugere Levinson e Holler (2014), em seu texto "*A origem multimodal da comunicação humana*", a própria concepção de multimodalidade humana pode ser vista como uma perspectiva mais ampla para se conceber as relações entre linguagem, cognição humana e mundo.

As pesquisas interacionais de perspectiva multimodal (ERICKSON, 2010; ERICKSON e SCHULTZ, 1982; GOODWIN 1986, 2010; HEATH, 1986; MONDADA, 2008, 2014a, 2014b, 2016; STREECK, 2010) oferecem uma possibilidade de analisarmos a integração de diferentes modalidades nas interações sociais e de fazermos uma descrição dessa integração entre vários tipos de recursos mobilizados na interação. Considera-se, como pressuposto, que construímos os espaços interacionais multimodalmente, ou seja, que uma ação (verbal ou não) é construída graças a uma ecologia (GOODWIN, 2010) de sistemas semióticos, estruturalmente distintos entre si, mas intrinsecamente relacionados. Esses aspectos multimodais podem ter uma materialidade sonora ou visual; uma dimensão semiótica linguística ou corporal e compreendem recursos tais como a prosódia, fonética, sintaxe, léxico, gestos, olhares, mímicas faciais, movimentos de cabeça, posturas do corpo, movimentos das mãos, objetos e artefatos do mundo material, etc.

2. Gestalts multimodais complexas

Mondada (2011a, 2011b, 2014a, 2013, 2016) tem dado um enfoque importante ao caráter sistemático do uso dos recursos multimodais a partir da análise de interações naturalísticas que ocorrem em ambiente de trabalho materialmente complexos, tais como os de cirurgias clínicas, geógrafos e arquitetos, por exemplo. Nesses ambientes interacionais, a fala-em-interação ocorre imbricada em alguma outra atividade prática central. Essas análises têm permitido construir uma documentação importante de coleções multimodais para o estudo de fenômenos e ações envolvendo a fala-em-interação, incorporando ambientes materiais complexos. Tais análises nos permitem ver que, para além da complexidade dos fenômenos multimodais, é possível mostrar seu caráter metodicamente ordenado implicando assim uma gestalt multimodal complexa, segundo Mondada (2014a: 98)

O termo gestalt tem sido frequentemente usada por Auer (2009) e Selting (2005) para designar construções linguísticas situadas. Aqui, eu emprego o termo *gestalt multimodal complexa* para referir-me a suas múltiplas camadas ordenadas, sua incorporação na organização sequencial, à flexibilidade de seus arranjos temporais e às múltiplas questões para as quais os participantes se orientam (Mondada, 2014b). Isto sugere que uma descrição gramatical e da interação deveria integrar esses múltiplos e dinâmicos aspectos. (Tradução e grifos nossos).

Gestalts multimodais complexas são padrões linguístico-interacionais constituídos de recursos multimodais envolvendo recursos linguísticos, prosódicos e entonacionais; recursos corporais, gestos, olhares, mímicas faciais, movimentos de cabeça, posturas do corpo, movimentos das mãos, e recursos materiais, como objetos e artefatos do mundo material. A noção de recurso é central para entendermos uma mentalidade multimodal na análise da interação. Recurso permite tratar, como aponta Mondada (2012), em conjunto e de forma articulada, formas mais convencionais, como seria o caso da gramática (e seus componentes prosódicos, fonéticos, morfossintáticos) e formas menos convencionais e mais situadas, como ações corporais (gestos, direcionamentos do olhar, mímica facial, movimento da testa, postura do corpo, etc), tais como são localmente mobilizadas e flexibilizadas pelos participantes durante suas ações. Ao mesmo tempo, incorporar na análise da fala-em-interação recursos de naturezas semióticas distintas, mobilizados de forma situada e contingente à construção da fala-em-interação, pode oferecer desafios importantes para a “descrição e modelização linguísticas que visem a dar conta da dinamicidade, da plasticidade, da adaptabilidade à ecologia da ação e da sistematicidade desses padrões”, (MONDADA, 2012: 131). E alguns fenômenos linguístico-interacionais têm recebido uma atenção especial nesta linha de análise, como é o caso das práticas de referenciação.

3. Práticas corporificadas de construir a atenção conjunta e de introduzir um objetoco-presente como referente na interação

Uma perspectiva praxeológica da referenciação dedica-se, centralmente, à tentativa de se mostrar a forma como um objeto-do-mundo é construído, por meio de uma coordenação de ações entre os falantes, como um objeto-de-discurso (MONDADA, 2005a) e como, por exemplo, categorias como a *dêixis*, cuja dimensão contextual é amplamente reconhecida *adquire* então um sentido *na* interação (MONDADA, 2014a, 2014b). O recurso a gestos de apontar (dêixiscorporal) acompanhados de dêiticos verbais como *esse aqui*, *aquele ali*, são exemplos de correlações linguístico-gestuais que promovem a construção de um objeto como referente de uma interação verbal. Mas essa estrutura linguístico-gestual bastante recorrente (*gesto apontar + dêitico verbal*) apenas *adquire* sentido e a função de introduzir referentes dentro de uma ecologia que envolve uma gestalt sequencial com outras ações que fazem parte da construção conjunta desse referente na interação, como direcionamentos do olhar; risos; ajustes corporais; sinalizações (verbais ou não) que os coparticipantes manifestam sobre uma mudança de estado informacional (*change-of-state token*, Heritage,

CRUZ, Fernanda Miranda da; COTS, Caroline Paola. Práticas corporificadas de construção da atenção conjunta em interações de uma criança diagnosticada com transtorno do espectro do autismo. *Revista Intercâmbio*, v.XLVII: 112-136, 2021. São Paulo: LAEL/PUCSP. ISSN 2237-759X

1984) ou sobre a visibilidade do referente (MONDADA, 2012; 2014a), e o próprio ambiente material. Mondada (2014a: 96) propõe que:

Uma prática de referencição que emprega termos dêiticos e gestos de apontar não pode ser reduzida nem a palavras dêiticas, nem à sua associação com os gestos. Mais que isso, a ação é muito mais complexa, constituindo uma gestalt sequencial nas quais linguagem, gestos, direcionamentos de olhar, corpo e estruturas do ambiente devem ser consideradas juntamente com a organização da atividade em curso. (Tradução nossa).

Assim, o trabalho interacional envolvido nas duas ações, a de introduzir e a estabelecer um referente na interação, é um bonito e um complexo trabalho de coordenação fina entre recursos gestuais e linguísticos e o meio ambiente material construído a partir das ações de todos os envolvidos. Dar conta, em termos metodológicos e analíticos, desse trabalho interacional resulta no que Mondada (2014a) tem chamado de uma perspectiva corporificada das práticas de referencição, das quais umas das ações constitutivas são as estratégias para chamar a atenção do(s) outro(s) para o referente e as estratégias para introduzir tal referente na interação.

No caso de objetos copresentes no ambiente interacional, candidatos a referentes, as perguntas recaem então sobre quais são as ações dos falantes que constroem a disponibilidade e a visibilidade do referente na interação (MONDADA, 2012, 2014a). Mondada (2012) demonstra, a partir de uma coleção multimodal, como um guia de jardim e três visitantes introduzem e estabelecem na interação referentes como plantas e pequenos insetos que surgem e desaparecem ao longo da visita guiada por meio de recursos multimodais (elementos verbais, gestos de apontar e direcionamentos corporais). Os objetos implicados na prática referencial pertencem a uma ecologia situada e móvel, seja a dos próprios objetos (insetos que aparecem e desaparecem entre as plantas), seja a dos próprios participantes, que caminham durante o momento da visita guiada e que realizam então vários movimentos de ajustes corporais na construção das condições (ou contexto) para a introdução do referente.

A partir dessa coleção particular de dados relativa às práticas de se introduzir referentes na visita guiada em um jardim botânico, Mondada (2012) ilustra bem o que seria um exemplo de uma gramática praxeologicamente orientada. Do ponto de vista da dos turnos de fala, sua análise oferece uma descrição da gestalt multimodal complexa das ações implicadas na atividade de introdução de um referente na interação. À dinâmica sequencial e temporal dos constituintes linguísticos-verbais dos turnos de fala associa-se uma "imbricação de posturas corporificadas/encarnadas e

das projeções, das expectativas e do atendimento efetivo dessas expectativas” (MONDADA, 2012: 139).

De forma resumida e semi-esquemática, teríamos a seguinte sequência em uma interação:

I: Um participante introduz um referente em uma interação com outros coparticipantes recorrendo (recursos) a diferentes procedimentos: um verbo de percepção *ver* (que é um dispositivo complexo de produção referencial) em sua forma imperativa; o sintagma nominal argumento do verbo; eventualmente um dêitico; gestos de apontar; deslocamento corporal (que funciona como indexador corporal que aumenta a visibilidade do indexador da mão, por exemplo) e a própria condição de disponibilidade do referente, se móvel ou fixo para os participantes, em uma determinada ecologia.

II: Essa atividade de introdução de um referente na interação é, por sua vez, *recipient oriented*. Tanto a atividade referencial quanto quem a introduz é sensível à orientação corporal dos coparticipantes. Assim, a construção do turno introdutórios e ajusta a essas condições. Por exemplo, se os corpos e o direcionamento de olhar dos coparticipantes ainda não estiverem orientados para o referente, adota-se procedimentos como repetição; retardo ou projeção na construção do turno de fala.

A partir dos dados analisados, Mondada (2014a) mostra como a introdução dos referentes é levada a cabo quando os coparticipantes adotam, além da atividade verbal, uma postura corporal alinhada a essa ação (a de introdução do referente) e produzem uma sinalização (verbal ou corporal) de visibilidade do referente. Após essa sinalização, aquele que introduz o referente, desenvolve/predica algo sobre o referente introduzido. Como aponta Mondada (2014a: 145):

Nesta ecologia situada e móvel, nesta interação que recorre a recursos multimodais, a implicação recai sobre a constituição da visibilidade do referente, não de maneira abstratamente cognitiva, mas de maneira encarnada e situada, associada às contingências dos corpos em movimento, da coordenação desses corpos e dos olhares do grupo, assim como às características voláteis ou estáveis, imediatamente disponíveis ou evanescentes do objeto apontado. (Tradução nossa).

Partindo dessa produtiva descrição de padrões reconhecíveis de introdução corporificada de referentes na interação, apresentamos, finalmente, uma proposta de análise da organização temporal e sequencial das práticas de introduzir referentes copresentes em duas situações interativas envolvendo uma criança autista, apoiadas centralmente em gestos de apontar e direcionamentos de torso e de olhar imbricados na emergência pragmático-sintática dos formatos de turnos de fala produzidos.

4. Interações sociais de Luiza

Os excertos foram transcritos a partir da convenção de transcrição multimodal proposta por Mondada (2014a, 2016), Anexo. Os registros audiovisuais foram realizados pela pesquisadora Caroline Cots (Cots, 2018; Projeto FAPESP 14/15206-6) entre 05/2014 e 10/2015, período em que Luiza tinha de 10 anos e 10 meses a 12 anos e 03 meses. De acordo com relatos da mãe, até os 2 (dois) anos, Luiza ainda não tinha emitido nenhuma palavra, não engatinhava, pouco se interessava pelos objetos ao seu redor e chorava constantemente. Esses foram os motivos para procurar ajuda médica. Após acompanhamento clínico, exames e observação, Luiza foi diagnosticada com TEA aos quatro anos, no Instituto de Psiquiatria do Hospital das Clínicas, em São Paulo. Algumas características linguístico-interacionais foram observadas após a visualização dos registros do corpus CELA: notamos que o repertório lexical de Luiza é restrito e composto em sua maioria por nomes e verbos, contudo, ela também recorre a recursos corporais, como gestos de mão, movimentos corporais e direcionamentos de olhar e torso para participar ativamente das interações familiares. Sobre a escolarização, desde os quatro anos frequenta regularmente a escola especial, na qual teve a possibilidade de interagir com crianças também diagnosticadas com TEA que possuem um quadro de desenvolvimento próximo ao dela. De acordo com relato dos familiares, apresenta uma boa inserção no espaço escolar-institucional e um bom relacionamento interpessoal. Na escola, durante um tempo, utilizou o sistema de PECs (Pictures Exchange Communication System), um sistema de comunicação por troca de figuras, para interagir com professores e profissionais. Luiza passou por acompanhamento fonoaudiólogo dos quatro aos seis anos. Desde o diagnóstico, passava por acompanhamento psiquiátrico a cada três meses e, desde os nove anos, acompanhamento psicopedagógico, de duas a três vezes por semana para a alfabetização. Também passou por acompanhamento com terapeutas ocupacionais e músico-terapeutas.

4.1. Primeira situação: que é isso aqui? + apontar

No excerto 01, Luiza (LUI), uma criança autista, e Neide (NEI), sua mãe, estão na cozinha da casa onde moram. Neide está em pé, diante de uma pia, lavando louça. Luiza, está sentada em um banco. Abaixo, temos uma sequência de imagens que corresponde às posições corporais de Luiza e Neide em três momentos.



Imagem 1: posição corporal 1

Imagem 2: posição corporal 2

Imagem 3 : posição corporal 3

A descrição sobre a documentação multimodal de dados de interação envolvendo crianças com TEA e as formas de representar (em termos de transcrição e notação) interações envolvendo a referência a objetos presentes no espaço foi feita em Cruz (2018). Aqui, a análise do mesmo excerto analisado em Cruz (2018) será retomada e expandida com a finalidade de explorar a coordenação de formas dêiticas verbais e gestuais e a ecologia material da situação interativa. Na imagem 1, temos Neide voltada para pia e Luiza sentada no banco, voltada para Neide (posição 1 de Luiza). Na imagem 2, Luiza direciona o olhar para um objeto que percebe no chão, canto direito da imagem (posição 2). Na imagem 3, Luiza direciona seu corpo inteiro para o objeto (posição 3). Na posição 3, Luiza introduz seu turno de fala (*que isso aqui//, linha 1, excerto 01*) e sustenta essa posição corporal 3 até o final da sequência interacional relativa à ação de chamar a atenção de Neide para o objeto que está no chão da cozinha (e fora do enquadre da captura do vídeo). Neide visualiza e refere-se a esse objeto como (*é lixo, linha 29, excerto 01*). Quando essa ação se completa, Luiza retorna à posição 1, conforme indicaremos em uma segunda sequência de imagens (imagens 4, 5, 6) inseridas no excerto abaixo.

Em Cruz (2018), destacamos o papel do direcionamento de olhar e das posturas corporais das duas participantes na construção da atenção de Neide para o objeto apontado por Luiza no chão. Esses direcionamentos ora estão voltados para o outro, ora voltados para o objeto apontado, ora para a atividade em curso realizada por Neide de lavar a louça. Os gestos de Luiza estão indicados por (*) e os gestos de Neide estão indicados por (@).

Excerto 01: CELA_11_2015_eaf.

```

01   LUI      *@que isso aqui//                *
02           >>* volta o torso e o olhar p/o chão-->*
03   nei      >>@voltada p/ a pia--> (l. 14)
04           *(1.0) + *(0.2)
05           *..volta o torso p neide e a toca com mão dir.-->
06           *..olha para neide----->
07           é seu//
08           (0.3) * + (0.7)*
09           ---,,>*
10           -----,,,,>*
11   MA-mãe*
12           *..--olha p/ o chão----->
13           (.) @ *
14   nei      @volta o olhar p/ o chão--->
15   lui      --->*
16   NEI      oi//*
17   lui      *volta o olhar p/ neide-->
18   LUI      I:s*so@ aqui* é seu//
19           -->*..... *---olha p/ o chão--->
20   nei      ----->@..--volta o torso para a pia--->>
21           (0.9)* + *(0.5)
22   lui      ---> * + *----olha p neide--->
23   NEI      eu *nu:m sei o [que que é]\
24   lui      --->*..olha para o chão-->
25   LUI      [o que é isso]//
26           (0.9)
27   LUI      ma-mãe/ *que isso [aqui ]
28           ----,,>*..--olha p neide--->
29   NEI      [é *li:]*xo]\ tira o pé/ #tá
30   im              #im4
31           *su*jo::#\
32   im              #im5
33   lui      ----->*....*olha para o chão-->*
34           *volta o torso para neide
35           *(0.4)
36   lui      *...volta o torso p/ frente...---->
37   LUI      [(nhêee)]
38   NEI      [não po:]de por o PÉ#/ (.) no li:xo sujo*
39   lui      -----,,,,,,,,,,,,,,,,,,,,,,,*
40   im              #im6

```



imagem 4: Torso de Luiza voltado para o lugar do objeto em referência "é lixo" enunciado por Neide.

imagem 5: Torso de Luiza voltado para Neide durante o enunciado "tira o pé, tá sujo".

imagem 6: Luiza volta à posição inicial 1, fim da sequência interacional em torno do lixo (objeto em questão).

Esse é um tipo de interação muito comum entre adulto e criança em que a criança chama a atenção (do olhar) do adulto para algo que ela faz ou vê. Luiza inicia uma conversa introduzindo um pedido de informação sobre o objeto que percebera no chão (imagem 2): (que isso aqui//, linha 01) e (é seu//, linha 07). O atendimento a esse pedido de informação depende da visibilidade, por parte de Neide, do objeto a que se referem as formas demonstrativa [*isso*] e a forma dêitica espacial [*aqui*]. Uma atenção para as formas dêiticas (CLARK e WILKES-GIBBS, 1986; MONDADA, 2002; 2005) e, especificamente, para as relações entre dêixis e as atividades de referência em contextos específicos envolvendo patologias ou condições que afetam a linguagem e a interação, como têm mostrado os trabalhos de Auer e Bauer (2011), Goodwin (2012), Morato (2012), Vezali (2011), no campo da afasia e os estudos em interações atípicas (RASMUSSEN, 2017), têm colaborado em muito para compreender sua natureza contextual e os recursos que os participantes mobilizam na construção local e situada, portanto, indexicalizada, da fala-em-interação.

Nesse excerto, a forma dêitica espacial introduzida por [*aqui*] é antecedida por uma posição corporal de Luiza direcionada para o chão, local onde se encontra o objeto referido (linha 02). No momento em que Luiza formula sua pergunta, Neide está corporalmente voltada para a pia, realizando a atividade de lavar a louça. Uma ausência de fala de 1.2 segundos (linha 04) antecede um incremento (é seu//, linha 07) à primeira pergunta já introduzida (que isso aqui//, linha 01). Essas duas perguntas correspondem a duas unidades de construção de turno (UCT). As UCTs (ver OSTERMAN e FREZZA, 2017) são unidades sintático-semântico-pragmáticas cujo sentido e completude é atribuído pelos falantes no curso da interação e por sua posição sequencial no turno de fala. Tais

unidades projetam locais potenciais para trocas de turno. O final da primeira UCT (*que isso aqui//*) é um local relevante para a troca de turno, ao mesmo tempo em que essa UCT é uma parte de um par-adjacente de pergunta-resposta, em que a pergunta feita por Luiza projeta uma resposta da parte de Neide. Aqui, o intervalo entre as duas UCTs produzidas por Luiza tem uma ausência de fala composta por ações corporais importantes de Luiza: a de voltar o torso e chamar a atenção de Neide com a mão (linha 05) e a de direcionar seu olhar para Neide (linha 06). Esses movimentos de postura e de olhar se sustentam para além da introdução do dêitico pessoal (*é seu//*). Essa temporalidade dos gestos de Luiza é significativa. A trajetória de seus gestos corporais está articulada e sincronizada à construção multimodal de seu turno de fala e, portanto, ao formato que emerge ali, contingenciado pelas ações que estão em curso. Para visualizarmos essa coordenação é importante seguirmos a representação da trajetória (a emergência, a sustentação e a retração dos gestos de Luiza (sua postura corporal, seu movimento com as mãos e seu olhar). Vemos como Luiza sustenta o gesto de chamar a atenção de Neide com a mão e de manter seu olhar voltado para Neide durante a construção de seu turno de fala (linhas 01-09).

A ação de chamar a atenção de Neide para o objeto enquanto Neide está orientada para a atividade de lavar louça, embora seja uma ação corriqueira e cotidiana, compõe uma temporalidade complexa de coordenação de várias ações, dentre elas a própria fala-em-interação, que se constrói com elementos linguísticos-verbais e gestuais coordenados entre si. Seguindo a análise empreendida por Mondada (2012) na coleção de dados multimodais em que os participantes constroem os referentes durante uma visita a um jardim-museu, descrita neste artigo, reforçamos aqui como a atividade de introdução de um referente na interação é *recipient oriented*, sensível à orientação corporal dos coparticipantes. Luiza mobiliza recursos multimodais que conferem a suas ações para obter a atenção de Neide uma sequência de turnos de fala que vai se incrementando à medida que Neide responde ou não, por direcionamento de olhar ou verbalmente, a suas chamadas. Assim, a construção do turno introdutório de Luiza se ajusta às posições corporais de sua coparticipante. Identificamos no formato do turno (*qu'isso aqui// (1.0) + (0.2) é seu// (0.3) +(0.7)*), ausências de fala articuladas com as ações não-verbais até que Neide oriente-se para o objeto apontado. Após essas duas UCTs, Neide ainda mantém-se voltada para a pia, orientada para a atividade de lavar louça. Luiza relança então seu pedido de atenção, dessa vez reformulando seu turno como um novo começo. Para isso, Luiza introduz um vocativo (*Ma-mãe*, linha 11), recurso verbal clássico para chamar a atenção do outro participante copresente. Esse vocativo é produzido em entonação ascendente, indicando o início e não o final de uma UCT

anterior; em ênfase, marcada por aumento de volume na sílaba de primeira posição que é, interessantemente, átona, e por uma separação entre as sílabas que compõem o vocábulo [*mamãe*]. Com isso, Luiza seleciona, verbalmente e de forma enfática, Neide como sua interlocutora e torna publicamente visível (audível), através dessas ênfases, que endereça a ela as perguntas feitas anteriormente sobre o objeto em questão (*que isso aqui// (1.0) + (0.2) é seu// (0.3)+(0.7)*) (linha 01-07). Vale apontar que Luiza já havia selecionado Neide, introduzindo inclusive uma forma dêitica pessoal (*é seu//*, linha 07). A essa segunda seleção, Neide responde ao vocativo, verbalmente (*oi//*) e corporalmente, direcionando seu olhar para o chão, na direção onde está o objeto apontado por Luiza. Estabelecida a atenção visual e alinhadas, Luiza então reformula a pergunta feita anteriormente: (*Isso aqui é seu//*). Gostaríamos de mostrar mais detalhadamente como essa reformulação não é apenas uma reformulação do turno anterior acrescida de um vocativo. É também uma reformulação da estratégia de construir a atenção conjunta de Neide. Na primeira introdução, a pergunta direcionada à Neide dependia não apenas de sua disponibilidade de escuta, mas de sua disponibilidade e atenção visual. Assim, na primeira solicitação de informação em forma de pergunta (linhas 01-07), seu turno é formatado com elementos linguísticos e direcionamentos de olhar e de posturas corporais que se alternam entre a coparticipante a ser selecionada para responder às perguntas e o objeto em questão. Comparativamente, à primeira vez, na segunda vez em que Luiza refaz sua solicitação de informação, o formato do turno é modificado. O turno é produzido sem as ausências de fala do primeiro, que davam lugar a um conjunto de ações corporais, e dois direcionamentos de olhar (*): para Neide, no momento em que produz [*isso*] e para o objeto, no momento em que produz a dêixis espacial [*aqui*]: (*I:s*so aqui* é seu//*, linha 18).

No momento em que Luiza produz o demonstrativo [*isso*], voltada para Neide, ela confirma o alinhamento de sua interlocutora para o objeto a que se refere o demonstrativo *isso*. Mondada (2012) mostra como, em alguns casos, a introdução dos referentes é levada a cabo quando os participantes adotam uma postura corporal alinhada a essa ação (de introdução do referente) e quando uma sinalização, visível para o outro, que indique uma mudança de estado de informação e de visibilidade é produzida pelo coparticipante. Aqui essa sinalização é produzida corporalmente pelo direcionamento do olhar de Neide para o objeto e esse direcionamento é visível para Luiza. Após essa sinalização, Luiza continua a formulação de sua pergunta e aguarda a resposta de Neide (pausa de 0,9 segundos, linha 21).

Quando a solicitação de informação sobre o objeto é atendida por Neide (*[é li:]xo*), linha 29], ambas iniciam um processo de

fechamento dessa sequência. Neide adverte que não deve pôr o pé no lixo e Luiza volta seu corpo para a posição inicial (posição 1) em que estava antes de iniciar a sequência interacional, ou seja, antes de chamar a atenção de Neide para o objeto. A sequência de imagens 4,5,6 (linhas 29, 31, 38) temporalmente alinhadas ao turno de Neide, nos deixam ver a construção conjunta e multimodal do fechamento desta sequência interacional da ação de chamar a atenção de Neide e solicitar a esta uma informação sobre um objeto percebido no espaço em que estão (CRUZ, 2018).

No que diz respeito à forma pela qual a dêixis espacial [*aqui*] adquire um sentido nesta interação, esse excerto ilustra bem como a dêixis repousa não somente sobre a fala e os gestos do locutor, mas sobretudo sobre uma coordenação fina entre os movimentos dos corpos de todos os participantes, o mundo material (espaço físico) e a organização emergente do formato do turno, incluindo aqui sua organização sintático-pragmática. Aqui a organização sequencial do turno de Luiza configura-se não apenas pela sintaxe, mas pelas atividades (a de lavar louça e a de chamar a atenção do outro) realizadas conjuntamente à construção dos turnos de fala.

4.2. Segunda situação: olhar e apontar

Em uma segunda situação interativa participam Luiza (LUI), que vimos acima em interação com sua mãe, e outros membros de sua família: Clara (CLA), irmã de Luiza, e Gustavo (GUS), filho de Clara. Cada uma das crianças tem um brinquedo na mão e estão, cada uma, envolvidas com uma brincadeira. Luiza tem um tablet na mão e tira foto do próprio dedo com o aparelho. Já Gustavo monta um brinquedo com as peças para montar. Clara chama a atenção para o que Luiza está fazendo com o tablet, enquanto Gustavo, simultaneamente, chama a atenção de Clara para o brinquedo que montara. Na análise, queremos destacar a dinâmica interacional que se inicia com este momento de desalinhamento de atenções para os dois objetos (o tablet e o brinquedo de lego) e as duas brincadeiras distintas e concomitantes até o momento em que todos os três participantes alinham-se e orientam-se para a brincadeira de Luiza com o tablet.

Abaixo ilustramos, com duas imagens extraídas do vídeo, esses dois momentos distintos de (des)alinhamento. A primeira corresponde imediatamente ao momento que antecede o excerto transcrito e a segunda imagem corresponde aos momentos finais do excerto transcrito.

Foram atribuídos os seguintes símbolos para os gestos dos participantes: * para Luiza (LUI, lui); Δ para Gustavo (GUS, gus) e \$ para Clara (CLA, cla). Para diferenciar os tipos de gestos, atribuímos

CRUZ, Fernanda Miranda da; COTS, Caroline Paola. Práticas corporificadas de construção da atenção conjunta em interações de uma criança diagnosticada com transtorno do espectro do autismo. *Revista Intercâmbio*, v.XLVII: 112-136, 2021. São Paulo: LAEL/PUCSP. ISSN 2237-759X

duplo símbolo (**) para os direcionamentos de olhar e símbolo simples (*) para os demais gestos.



Imagem 1: Gustavo (GUS) chama a atenção de Clara (CLA) para o brinquedo que está em sua mão. Clara (CLA) e Luiza (LUI) estão voltadas para o tablet na mão de Luiza.

Imagem 2: Gustavo (GUS), Clara (CLA) e Luiza (LUI) estão voltadas para o tablet na mão de Luiza.

Na transcrição abaixo, temo que Clara chama a atenção para a brincadeira de Luiza (*cê tá tirando foto do seu dedo/menina*), linhas 01-05). Na linha (06), Luiza chama a atenção para sua brincadeira com tablet realizando um gesto de apontar (linha 07) + dêitico espacial *aqui* ([qui:rr]). Na linha 11, Luiza sorri e, em sobreposição ao riso de Luiza, Gustavo também chama a atenção para o brinquedo (*olha Isso*), linha 13), utilizando o verbo *olhar* em sua forma imperativa [olha] + demonstrativo [isso]. O que temos aqui são dois participantes, neste caso duas crianças, mobilizando seus recursos para chamar a atenção de um adulto (Clara). Luiza tem um repertório linguístico-verbal limitado se comparado a crianças na sua fase de desenvolvimento, 10 anos. No entanto, gostaríamos de destacar como os recursos das duas crianças coordenam-se nesta disputa por atenção.

Clara e Luiza se olham mutuamente (linhas 15 e 16). Esse momento parece indicar um alinhamento entre Clara e Luiza e marca bem o momento em que essa díade voltada para a brincadeira de Luiza com tablet, será temporariamente suspensa, para atender a demanda de atenção de Gustavo. Gustavo então predica o referente introduzido multimodalmente, (*que loucura*/, linha 17).

Os olhares mútuos entre Clara e Luiza tomarão rumos distintos. Clara direciona seu olhar, em um primeiro momento para Gustavo (linha 19) e, em seguida, para o brinquedo referido por Gustavo pelo demonstrativo [*isso*](linha 21). Simultaneamente, Luiza direciona seu olhar para o tablet (linha 20) e continua sua brincadeira. Na sequência desta nova e breve configuração do quadro participativo da díade Clara-Gustavo, Luiza introduz um novo turno (*uiz QUI*/, linha 24) antecedido por um gesto de apontar para a tela do tablet que se repete duas vezes e que se sustenta. Essa ação de chamar a atenção para tablet e para brincadeira com o objeto, para os quais a atenção de Clara estava suspensa, estrutura-se pelo gesto de apontar + expressão dêitica [*aqui/qui*]. Essa ação de construir a atenção conjunta dos participantes para a brincadeira com o tablet será colaborativamente reforçada por Clara, que introduz um turno formado por verbo [olhar] na sua variante [ó] + gesto de apontar em direção ao tablete + um sintagma (*ó: o que a tia Luiza fez/ela tirou foto do dedo*, linhas 29 e 33).

Nesse momento, os três participantes alinham o direcionamento do olhar para o tablet e Luiza introduz seu turno de fala (*[hhh] qué você*/, linhas 36 e 37) relacionado à sua brincadeira em curso. A introdução do turno de Luiza ocorre assim antes que Gustavo finalize sua sinalização (um *change of state token* corporal e verbal) demonstrando que ele visualiza e identifica o referente (a brincadeira de tirar foto com do dedo) para o qual Clara chama a atenção desde o início do excerto (linha 01) e novamente na linha 32.

Neste excerto, todos os participantes mobilizam recursos para chamar a atenção do outro para algo. Mais especificamente no que diz respeito às ações de Luiza, que é autista e que tem recursos linguístico-verbais mais limitados, é interessante mostrar que ela não apenas orienta-se para a posição corporal dos outros dois participantes e acompanha a dinâmica dos quadros participativos que se instaura, como ela mesma chama a atenção para sua brincadeira com o tablet mobilizando recursos como gestos de apontar e expressões verbais dêiticas para retomar a atenção dos participantes, ao mesmo tempo em que inicia um turno de fala sobre sua brincadeira (linhas 36 e 37), atuando decisivamente na consolidação de um novo quadro participativo envolvendo os três participantes voltados para uma mesma brincadeira, a sua.

5. Considerações finais

As duas interações analisadas neste artigo envolvem crianças. É preciso então interpretar as práticas ali presentes dentro de práticas de socialização, que são, portanto, socioculturalmente inscritas (SCHIEFFELINE e OCHS, 1986). Como apontam Lerner *et al* (2011: 44), antes mesmo das crianças serem capazes de falar, “elas encontram-se em um mundo social interacionalmente organizado (GOFFMAN, 1964; SCHEGLOFF, 2006) – um mundo no qual elas devem se engajar muito antes que as habilidades linguísticas produtivas tornem-se recurso interacional disponível”. Assim, interagir com o outro significa também interagir a partir de uma ecologia material de objetos, corpos e práticas presentes em um mundo social, coletiva e materialmente organizado.

Ao nos dedicarmos detalhadamente ao trabalho interacional de construção de um objeto presente no espaço físico como referente em uma interação, damos visibilidade não apenas às ações de introdução desse referente, que mobilizam uma ecologia gestual e material muito recorrente, como a de apontar o objeto em questão, mas também e, principalmente, as ações constitutivas das práticas de chamar a atenção do outro e de construir, interacionalmente, a atenção conjunta nas interações. Em um estudo prévio realizado no campo das pesquisas fonoaudiológicas, Menezes e Perissinoto (2008) investigaram a ocorrência da atenção compartilhada tanto sob a forma de pedido (chamar a atenção do outro para conseguir algo que deseja), quanto declarativa (direcionar a atenção do outro para algum objeto ou situação). Elas apontam para a importância também na clínica e no diagnóstico de se atentar para as relações entre gestos de apontar e o olhar para melhor compreensão e identificação de habilidades de construção conjunta da atenção. Para interações envolvendo crianças com autismo, a análise dessas ações permite construir um repertório descritivo a partir de dados empíricos naturalísticos. Essas descrições permitem aventar quais ecologias (mais ou menos sócio-interacionalmente favoráveis, no sentido dado por Ochs e Solomon, 2010) e quais momentos (alguns bem breves) de engajamento social, de reconhecimento de ações e de coordenação com o outro acontecem, esboçam-se, criam-se, completam-se ou não nessas interações.

O espectro do autismo é muito amplo e as características autistas variam muito de uma pessoa para outra, como apontam os estudos (MENEZES e PERISSINOTO, 2008, dentre outros) e a vida real. Evidências de situações interativas em ambientes naturalísticos de ocorrência colaboram para uma documentação de padrões comportamentais e interacionais no autismo (CRUZ, 2018), sem, no entanto, ter a pretensão de oferecer modelos ou padrões sobre essas interações. Nesse sentido, podemos supor que, nas interações envolvendo sujeitos com autismo, das quais participam autistas e não-autistas, encontramos formas diversas de interação, incluindo tanto

padrões interativos mais conhecidos e praticados socioculturalmente, como outras formas que emergem das circunstâncias situadas e locais de cada interação, incluindo aqui a própria condição autista de cada indivíduo e as competências, as limitações e as (im)possibilidades de todos os participantes envolvidos nas rotinas interativas das quais faz parte esse indivíduo.

As duas situações interativas analisadas e a própria prática de observação nos espaços interacionais nos quais os registros em vídeo foram realizados tem evidenciado que os aspectos linguístico-verbais, presentes ou ausentes, não dariam conta de descrever momentos e padrões interativos recorrentes cuja organização está estruturada em um papel central de gestos e movimentos corporais, como direcionamento do olhar, gestos de apontar, deslocamentos espaciais e de relações com objetos materiais presentes no espaço. Uma noção como a de gestalt multimodal complexa pode contribuir para identificar padrões interacionais recorrentes nessas interações e inserir, analiticamente, tais interações envolvendo sujeitos com autismo em um espectro maior de possibilidades interativas, incluindo-se aqui pouco ou nenhum recurso verbal; maior ou menor interesse ou engajamento com o outro copresente e relações diversas com objetos do mundo material.

Vale mencionar que, em uma crescente literatura (escrita e audiovisual) produzida por autistas (que poderia ser abrigada sob rubrica "de autismo em primeira pessoa", para usar a expressão-título do livro autobiográfico da autista Dominique Dumortier), identificamos, muito comumente, nos relatos, uma importância central do corpo e da relação com o espaço físico nos modos de existência, experiência e percepção autistas. Esse aspecto não nos parece menor, ao contrário, fomenta nossas tentativas, como a apresentada aqui, de dar visibilidade e sistematicidade à dinâmica de recurso a aspectos corporais mobilizados e constitutivos dessas interações. Para finalizar, nos parece importante mencionar algumas limitações desse estudo: um estudo quantitativo seria pertinente, ainda que não tenha sido feito aqui. Outra limitação é que há uma importante produção bibliográfica sobre aspectos outras da linguagem nos TEA, que não foi trazida por recorte e escopo da análise, restrita a descrever as práticas corporificadas de referência em duas situações interativas situadas.

Anexo

Convenção de transcrição multimodal baseada em Mondada (2012)¹.

1. Cada participante é indicado por três letras iniciais que indicam seu nome. As iniciais em maiúsculo indicam a fala e as iniciais em minúsculo indicam gestos. Se o gesto for realizado pelo participante locutor e vier na linha seguinte ao turno de fala deste, não é necessário indicar com as iniciais minúscula quem realizou o gesto, pois lê-se que o gesto é realizado pelo locutor que tem o turno de fala naquele momento. Se o gesto for realizado pelo co-participante que não é o locutor, é necessário indicar quem o realiza, inserindo abaixo da linha de transcrição verbal as iniciais minúsculas do participante para os gestos.
2. Cada linha da transcrição é numerada e *não* corresponde necessariamente aos turnos de fala.
3. A notação para os aspectos linguísticos verbais e para os aspectos gestuais-corporificados (trajetória dos gestos) encontram-se no quadro abaixo. Na convenção adotada, Mondada (2014) transcreve a trajetória dos gestos inspirada na notação proposta por Goodwin (1986) e Kendon (1991, 2004). Os aspectos gestuais-corporificados correspondem à descrição e marcação de ações como gestos, direcionamento do olhar, gestos com a mão, postura, corporal, movimentos de cabeça, indexados temporalmente à fala ou às ausências de fala cronometradas.
4. Os gestos dos participantes são marcados com símbolos (*, @, \$) escolhidos aleatoriamente. As falas são representadas em **negrito** e os gestos em *itálico*.
5. Imagens (im) de capturas tela do vídeo podem ser inseridas na transcrição, alinhadas à fala ou à marcação temporal das ausências de fala. Neste caso, inserimos as iniciais *im* à margem da transcrição, na linha relativa às imagens reproduzidas no texto. No texto da transcrição, as inserções de imagens são marcadas por #im (#im 1, #im 2...), que permite localizar o momento exato da imagem sincronizado com a fala.

¹A versão original e na íntegra da convenção pode ser acessada no endereço eletrônico https://franz.unibas.ch/fileadmin/franz/user_upload/redaktion/Mondada_conv_multimodality.pdf.

CRUZ, Fernanda Miranda da; COTS, Caroline Paola. Práticas corporificadas de construção da atenção conjunta em interações de uma criança diagnosticada com transtorno do espectro do autismo. *Revista Intercâmbio*, v.XLVII: 112-136, 2021. São Paulo: LAEL/PUCSP. ISSN 2237-759X

Quadro 1: Notação

Aspectos linguístico-verbais	
Xxx	Segmento ininteligível
. (0.4)	(micro pausas, inferiores a 0,3 segundos, não medidas) pausas medidas com ajuda do software ELAN versão 5.0
: .h	alongamento silábico marca a inspiração do locutor
/ \	entonação ascendente entonação descendente
//	entonação de pergunta (ascendente)
<u>Sublinhado</u>	ênfase particular (intensidade, acento)
maIÚSCULA	volume forte de voz
° °	volume baixo, murmúrio de voz
Trajectoria dos gestos	
+----+	Delimitação do início e do fim da ação/gesto
+ , *	A fala transcrita comporta os símbolos gráficos indicadores de gestos (+, *, por exemplo) posicionados no momento em que são realizados com relação à fala
(1.0) +* (0.2)	Se um gesto começa no meio de uma pausa, segmenta-se a pausa. Em muitos casos, a duração das ausências de fala pode ser segmentada na sua representação (exemplo 1.2 segundos= 1,0 + 0,2) a depender do momento de início ou fim do gesto e de sua duração realizados durante a ausência de fala
---->121	Continuação do gesto até a linha 21 (exemplo) do excerto
----->+	Se um gesto continua nas linhas seguintes, sua descrição é seguida de uma flecha que remete ao símbolo que delimita o seu fim
----->>	Continuação do gesto até o fim do excerto
>>	O gesto descrito começa antes do início do excerto
Trajectoria temporal dos gestos	
.....	emergência do gesto (preparação)
-----	fim do gesto (retração)
////////	manutenção do gesto (núcleo/ápice)

Referências bibliográficas

AUER, P.; BAUER, A. Multimodality in aphasic conversation: why gestures sometimes do not help. *Journal of Interactional Research in Communication Disorders*, 2: 214-243, 2011.

CAVALCANTE, M.M.; LIMA, S. M. C. (org.). *Referenciação: teoria e prática*. São Paulo: Editora Cortez, 2013.

CRUZ, Fernanda Miranda da; COTS, Caroline Paola. Práticas corporificadas de construção da atenção conjunta em interações de uma criança diagnosticada com transtorno do espectro do autismo. *Revista Intercâmbio*, v.XLVII: 112-136, 2021. São Paulo: LAEL/PUCSP. ISSN 2237-759X

CLARK, H. H.; WILKES-GIBBS, D. (ed.) Referring as a collaborative process. *Cognition*, 22:1-39, 1986.

COTS, C. P. Recursos interacionais multimodais mobilizados por uma criança com TEA em brincadeiras familiares. *Dissertação de mestrado*, Universidade Federal de São Paulo, Guarulhos, 2018.

CRUZ, F. M. Documentação e investigação multimodal de interações envolvendo crianças com autismo: corpo, linguagem e mundo material. *Revista Calidoscópico/UNISINOS*, 16 (2): 179-193, 2018.

DUMORTIER, D. *Autismo na primeira pessoa*. Kungsängen: Intermedia Books, 2006.

ERICKSON, F. The neglected listener: issues of theory and practice in transcription from video in interaction analysis. In: STREECK, J. (ed). *New Adventures in Language and Interaction*. Amsterdam: John Benjamins, p. 243-256, 2010.

ERICKSON, F.; SCHULTZ, J. The counselor as gatekeeper. Social interaction in interviews. In: HAMMEL, E. (Org.) *Language, Thought and Culture: Advances in the Study of Cognition*. New York: Academic Press, p. 237-260, 1982.

GOFFMAN, E. The Neglected Situation. *American Anthropologist*, 66 (6): 133-136, 1964.

GOODWIN, C. Action and embodiment within situated human interaction. *Journal of Pragmatics*, 32 (10): 1489-1522, 2010.

_____. Gestures as a resource for the organization of mutual orientation. *Semiotica*, 62 (1):29-49, 1986.

_____. Human sociality as mutual orientation in a rich interactive environment: multimodal utterances and pointing in afasia. In: ENFIELD, N. J.; LEVINSON, S.C. (Org.). *Roots of human sociality*, London: Berg, p. 96-125, 2006.

HEATH, C. *Body movement and medical interaction*. Cambridge: Cambridge University Press, 1986.

HERITAGE, J. A change of state token and aspects of its sequential placement. In: ATKINSON, J. M.; HERITAGE, J. (org). *Structures of Social Action*, Cambridge: Cambridge University Press, p. 299-345, 1984.

CRUZ, Fernanda Miranda da; COTS, Caroline Paola. Práticas corporificadas de construção da atenção conjunta em interações de uma criança diagnosticada com transtorno do espectro do autismo. *Revista Intercâmbio*, v.XLVII: 112-136, 2021. São Paulo: LAEL/PUCSP. ISSN 2237-759X

KENDON, A. *Gesture: visible actions as utterance*. Cambridge: Cambridge University Press, 2004.

KOCH, I.G.V.; MORATO, E. M.; BENTES, A.C. (org.). *Referenciação e discurso*. São Paulo: Editora Contexto, 2005.

LAI, M. C.; LOMBARDO, M.; BARON-COHEN, S. Autism. *The Lancet*, 383: 896-910, 2014.

LERNER, G. H.; ZIMMERMAN, H. D.; KIDWELL, M. Formal structures of practical tasks: a resource for action in the social life of very young children. In: STREECK, J; GOODWIN, C.; LEBARON, C. *Embodied Interaction: language and body in the material world*. New York: Cambridge University Press, p. 44-58, 2011.

LEVINSON S. C., HOLLER J. The origin of human multi-modal communication. Philosophical. *Transactions of the royal society B*, 369: 20130302, 2014.

MENEZES, C.G.L; PERISSINOTO, J. Habilidade de atenção compartilhada em sujeitos com transtornos do espectro autístico. *Pró-Fono Revista de Atualização Científica.*; 20 (4):273-8, out-dez, 2008.

MONDADA, L. A referência como trabalho interativo: a construção da visibilidade do detalhe anatômico durante uma operação cirúrgica. In: KOCH, I. G. V.; MORATO, E. M.; BENTES, A. C. (org.) *Referenciação e discurso*. São Paulo: Contexto, p. 11-31, 2005a.

_____. Challenges of multimodality: Language and the body in social interaction. *Journal of Sociolinguistics*, 20(30): 336-366, 2016.

_____. Describing surgical gestures: the view from researcher's and surgeon's video recordings. *Proceedings of the Gesture Conference*, Austin, p. 1-10, 2002.

_____. Emergent focused interactions in public places: a systematic analysis of the multimodal achievement of a common interactional space. *Journal of Pragmatics*, 41 (10), 2009.

_____. Interactional space and the study of embodied talk-in-interaction. In: AUER, P; et al. (orgs). *Space in language and linguistics: geographical, interactional and cognitive perspectives*, p. 247-275, 2013.

_____. L'analyse de collections de phénomènes multimodaux en linguistique interactionnelle: à propos de l'organisation systématique

CRUZ, Fernanda Miranda da; COTS, Caroline Paola. Práticas corporificadas de construção da atenção conjunta em interações de uma criança diagnosticada com transtorno do espectro do autismo. *Revista Intercâmbio*, v.XLVII: 112-136, 2021. São Paulo: LAEL/PUCSP. ISSN 2237-759X

des ressources gestuelles en début de tour. *Cahiers de praxématique*, 50: 21-66, 2008.

_____. La constitution de l'origo déictique comme travail interactionnel des participants: une approche praxéologique de la spatialité. *Intellectica*, 2: 41-42, 2005b.

_____. Organisation multimodal de la parole-en-interaction: pratiques incarnées d'introduction des référents. *Langue française*, 3 (175): 129-147, 2012.

_____. Pointing, talk, and the bodies: reference and joint attention as embodied interactional achievements. In: SEYFEDDINIPUR, M; GULLBERG, M. (orgs.) *From gesture in conversation to visible action as utterance: Essays in honor of Adam Kendon*, Londres: John Benjamins Publishing Company, p. 95-124, 2014a.

_____. Projections, organisation syntaxique, séquentielle et multimodale: le tour comme construction émergente dans l'interaction. In: CORMINBOEUF, G., BÉGUELIN, M-J. *Du système linguistique aux actions langagières: mélanges en l'honneur d'Alain Berrendonner*. De Boeck Supérieur, p. 191-208, 2011.

_____. The local constitution of multimodal resources for social interaction. *Journal of Pragmatics*, 65:137-156, 2014b.

_____. The organization of concurrent courses of action in surgical demonstrations. In: STREECK, J; GOODWIN, C.; LeBARON, C. *Embodied interaction: language and body in the material world*. New York: Cambridge University Press, p. 207-226, 2011a.

MORATO, E. M.; A. C. BENTES (org.) Contexto e Referência. *Cadernos de Estudos Linguísticos*, 59 (1), 2017.

MORATO, E. M. et al. Processos implícitos, contextuais e multimodais na construção referencial em conversações entre afásicos e não afásicos: relato de pesquisa. *Linguagem em (Dis)curso*, 12 (3): 711-742, 2012.

NEVILLE, M. The embodied turn in research on language and social interaction. *Research on Language and Social Interaction*, 48 (2): 121-151, 2015.

OCHS, E. SOLOMON, O. Autistic Sociality. *ETHOS*, 38 (1):69-92, 2010.

CRUZ, Fernanda Miranda da; COTS, Caroline Paola. Práticas corporificadas de construção da atenção conjunta em interações de uma criança diagnosticada com transtorno do espectro do autismo. *Revista Intercâmbio*, v.XLVII: 112-136, 2021. São Paulo: LAEL/PUCSP. ISSN 2237-759X

OSTERMANN, A.C.; FREZZA, M. "Veio o resultado do exame": a comunicação de notícias diagnósticas (e como investigações linguístico-interacionais podem informar as práticas profissionais). *Linguagem em (Dis)curso-LemD*, Tubarão, SC, 17 (1): 25-50, jan./abr., 2017.

RASMUSSEN, G. The use of pictures for interactional purposes and the grammar of social interaction. *Journal of Interaction research in communication disorders*, 8 (1):121-145, 2017.

SCHEGLOFF, E. Interaction: the infrastructure for social institutions, the natural ecological niche for language, and the arena in which culture is enacted. In: ENFIELD, N.; LEVINSON, S.C. (org.). *Roots of human sociality: culture, cognition and human interaction*. Oxford: Berg, p. 70-96, 2006.

SCHIEFFELIN, B.; OCHS, E. (org.) *Language socialization across cultures*. Cambridge: Cambridge University Press, 1986.

SOLOMON, O. Autism, language and childhood: an ethnographic perspective. *Annual Review for Applied Linguistics, Special Issue, language and the brain*, 28: 150-169, 2008.

STREECK, J. Ecologies of gesture: action and interaction. In STREECK, Jürgen. (org). *New adventures in language and interaction*. Amsterdam: John Benjamins, p. 221-240, 2010.

STREECK, J.; GOODWIN, C.; LeBARON, C. *Embodied interaction: language and body in the material world*. New York: Cambridge University Press, 2011.

VEZALI, P. A. A dêixis na interação entre afásicos e não-afásicos: conjugação indicial fala/gesto. *Tese de Doutorado em Lingüística*, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2011.